Originalmente publicado na Revista COOPEX/FIP (ISSN:2177-5052). 11ª Edição - Vol. 11 - Ano: 2020. No seguinte endereço: http://coopex.fiponline.edu.br/artigos

O SER HUMANO E A BUSCA PELA FELICIDADE NO CONTEXTO CIVILIZATÓRIO: UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E O EPICURISMO

Marcos Vitor Costa Castelhano 1*

Délis Sousa Benevides 2*

Mychaell Douglas de França Sousa 3*

Gerlane Costa dos Santos 4*

Resumo: A felicidade é um tema debatido desde o início da cultura humana. Embora, originalmente, se encontre voltado ao campo da Filosofia, atualmente seu debate também alcançou o âmbito científico. Esse estudo objetiva, através da Psicanálise Clássica e do Epicurismo, analisar e compreender como o homem contemporâneo visualiza a felicidade, além de refletir sobre as contingências que podem influenciar nesse processo de busca. A felicidade não se apresenta como um construto unilateral uma vez que engloba diversos contextos e fatores que agregam inúmeras categorias. Epicuro (2002) afirma que a felicidade seria fruto da busca pelos prazeres e somente por meio desses essa condição poderia ser atingida, favorecendo o bem-estar tão almejado pelos sujeitos em sua maioria. Porém, o pensador também afirma que esses deveriam ser buscados de maneira equilibrada, tendo em vista que seu excesso poderia representar um vício, devendo ser evitado. Em contrapartida, Freud (1996a) visualiza a felicidade sob uma outra perspectiva, afirmando que esta seria o fruto do problema econômico da atividade psíquica da libido do sujeito em si, marcado pelo espectro subjetivo, vivenciado em sua individualidade. No que tange ambas teorias, percebe-se que os dois pensadores apresentam essa condição como essencial para a intenção do comportamento humano. Neste estudo objetivou-se trazer uma relação coesa entre as visões de Freud e Epicuro perante a ideia de felicidade, sobretudo trazer o movimento psicanalítico perante novas temáticas, relacionando com grandes autores da humanidade.

Palavras-chave: Felicidade. Epicuro. Freud. Psicanálise Clássica.

Abstract: Happiness has been a topic debated since the beginning of human culture. Although it was originally focused on the field of Philosophy, today its debate has also reached the scientific scope. This study aims, through Classical Psychoanalysis and

* 1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: maicon.douglas.net@hotmail.com

* 4 Psicóloga Atuante. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Saúde Mental (Facisa) e em Saúde Coletiva (Uninter). Mestranda em Ciências da Educação (FACSU). Doutoranda pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES). Email: gerlanepsic12@hotmail.com

Epicureanism, to analyze and understand how contemporary man views happiness, in addition to reflecting on the contingencies that can influence this search process. Happiness does not present itself as a unilateral construct since it encompasses several contexts and factors that add numerous categories. Epicurus (2002) affirms that happiness would be the result of the search for pleasures and only through these could this condition be achieved, favoring the well-being so desired by most subjects. However, the thinker also states that these should be sought in a balanced way, considering that their excess could represent an addiction, and should be avoided. On the other hand, Freud (1996a) views happiness from another perspective, stating that this would be the fruit of the economic problem of the psychic activity of the subject's libido itself, marked by the subjective spectrum, experienced in his individuality. Regarding both theories, it is clear that the two thinkers present this condition as essential to the intention of human behavior. This study aimed to bring a cohesive relationship between the views of Freud and Epicurus before the idea of happiness, especially to bring the psychoanalytic movement to new themes, relating to great authors of humanity.

Keywords: Happiness. Epicuro. Freud. Classical Psychoanalysis.

Introdução

A felicidade é uma temática discutida desde os primórdios da humanidade, ganhando um caráter mais sistemático a partir do advento da Filosofia na Grécia no século VI a.C. e estendendo-se até os dias atuais com os diversos autores e perspectivas. Mesmo sendo uma discussão primordialmente filosófica, agora ela também se difunde ante o espectro científico, incluindo inúmeros contextos, entre eles o civilizatório (Cotrim e Fernandes, 2011).

Esse estudo objetiva, através da Psicanálise Clássica e do Epicurismo, analisar e compreender como o homem contemporâneo visualiza a felicidade, além de refletir sobre as contingências que podem influenciar nesse processo de busca. Entre as convergências e divergências teóricas, esse tema tende à amplitude em meio aos diversos pontos que podem ser abordados.

Para este estudo, foram utilizadas algumas obras, tais como A Carta Sobre a Felicidade (EPICURO, 2002) e alguns postulados freudianos, entre eles O Mal-Estar na Civilização (FREUD, 1996a), Totem e Tabu (FREUD, 1996b), Futuro de uma Ilusão (FREUD, 1987), entre outras, além de artigos pesquisados nas plataformas Google Acadêmico e *Scielo*, visando a fomentação do arcabouço teórico e referencial.

Este trabalho visa analisar e compreender a felicidade em sua abrangência conceitual e prática e sua aplicação nos variados âmbitos, além de objetivar sua relação

com o contexto civilizatório em consonância positiva e negativa ante os resultados do convívio social e de sua ausência no bem-estar social.

Para a reflexão que este artigo propõe, foi-se utilizado de recortes teóricos dos conhecimentos filosóficos e psicanalíticos a respeito da temática debatida, no intuito de promover uma relação entre os conceitos trabalhados.

Fundamentação teórica

Incialmente, deve-se elencar o que seria a felicidade. Segundo Cotrim e Fernandes (2011), seria uma ideia de bem-estar caracterizado por uma visão mediana diante a vida, de uma sensação de plenitude, como se não fosse necessário mais nada. Os autores também revelam que a felicidade é ampla em relação às suas fontes, como pode ser visto na tabela a seguir:

Tabela 1: Fontes de felicidade

Bens materiais e riqueza	Sendo estas uma das fontes mais cobiçadas pelos seres humanos, geralmente possuídas pelo esforço ou nascimento
Poder e glória	Estão voltados a cargos políticos ou de importância, além de fatores como o reconhecimento e a fama, que se fazem presentes no cotidiano e história das sociedades
Prazeres da mesa e cama	São fontes básicas de bem-estar físico e emocional, sendo geralmente abominados pelas sociedades ocidentais
Saúde	Muito valorizada, principalmente em sua ausência
Amor e amizade	Considerados de grande importância pela maioria dos pensadores, em que, ter bons relacionamentos significariam indícios de uma vida saudável

Diante do exposto, percebe-se que a felicidade não se apresenta como um construto unilateral uma vez que engloba diversos contextos e fatores que agregam inúmeras categorias. Os autores visam demonstrar que apenas uma dessas categorias não são suficientes para atingir esse estado de bem-estar, além de revelarem que a felicidade não é uma condição extremamente duradoura, expressando-se de forma momentânea.

Epicuro (2002) afirma que a felicidade seria fruto da busca pelos prazeres e somente por meio desses essa condição poderia ser atingida, favorecendo o bem-estar tão almejado pelos sujeitos em sua maioria. Porém, o pensador também afirma que esses deveriam ser buscados de maneira equilibrada, tendo em vista que seu excesso poderia representar um vício, devendo ser evitado.

Em contrapartida, Freud (1996a) visualiza a felicidade sob uma outra perspectiva, afirmando que esta seria o fruto do problema econômico da atividade psíquica da libido do sujeito em si, marcado pelo espectro subjetivo, vivenciado em sua individualidade. Assim, ela seria buscada de diversas maneiras, visto que existem inúmeras possibilidades de satisfação, não existindo apenas um único caminho ou método para atingi-la.

Com isso, dentro da ótica psicanalítica de base freudiana, pode-se dizer que um elemento diretamente voltado a essa temática seria a ideia do princípio do prazer, marcado pela busca da satisfação e evitação do desprazer, ligado a instância do Id (KUSNETZOFF, 1982; GARCIA-ROZA, 1983; HERRMANN, 1983; DAVIDOFF, 2001; FEIST E FEIST, 2008), desvelando que o comportamento humano é ligado a busca indissociável do prazer, buscando lidar de maneira significativa com os aspectos negativos do meio externo ou das adversidades da própria existência em si.

Todavia, Freud (1987 e 1996b) também afirma que existem diversas restrições e proibições provindas do convívio civilizatório que coíbem a busca pelo desejo, fazendo que certos conteúdos sejam reprimidos pela coesão social e que certos prazeres não sejam realizados, mostrando que as possibilidades de felicidade não são demasiadas e o indivíduo deve saber lidar da melhor forma com seus impulsos, já que este vive englobado por outras pessoa que também detém suas próprias pulsões.

Quando levado essa ótica para Epicuro (2002), o pensador afirma que mesmo que a felicidade deva ser buscada de maneira equilibrada, não são todos os prazeres que possuem a potência do bem-estar real, existindo três categorias de prazeres, como expõe Araújo (2016) na tabela a seguir:

Tabela 2: Prazeres na teoria de Epicuro

Prazeres naturais e necessários	Esta categoria está voltada às satisfações essenciais para a manutenção da vida, como o beber, comer e descansar. Que sem essas não se é possível a existência do ser vivo.
Prazeres naturais e não necessários	Dimensão relacionada aos prazeres naturais que não são essenciais para a manutenção do existir em si. Porém, podem e devem ser almejados em ocasiões especiais, como o sexo, as boas bebidas e as festas.
Prazeres não naturais e não necessários	Categoria intricada aos elementos viciosos do convívio humano em sociedade. Sendo elas, extremamente perniciosos e desnecessários para a manutenção da vida humana. Tendo como exemplos, o poder, fama, glória, entre outros.

A partir do exposto, percebe-se que, para Epicuro, nem todos os prazeres são em si fontes para a felicidade e bem-estar humano, pois nem todos são naturais em sua essência, sendo uma característica amplamente necessária para atingir tal estado. Mesmo alguns prazeres naturais, como o sexo e as festas, devem ser buscados com moderação para não gerar vícios no cotidiano das pessoas.

No que tange ambas teorias, percebe-se que os dois pensadores apresentam essa condição como essencial para a intenção do comportamento humano, mesmo que exista determinadas questões sociais que impeçam sua consolidação, diferenciando-se de doutrinas como o estoicismo, que, segundo Amorim (2016), baseiam-se na busca pela austeridade e abnegação dos prazeres, atingindo o estado de apatia ante o mundo e suas contingências, crendo que o universo determina o indivíduo no qual esse último não possuiria controle sobre as situações.

Mesmo que ambos autores apresentem determinadas perspectivas divergentes, ainda sim existem semelhanças significativa sobre a relação entre o homem e seu bem-estar, sobretudo diante o estado da felicidade em si mesma, não objetivando este construto sob uma ótica unilateral, já que a felicidade seria fruto de diversos fatores e não apenas de um prazer ou circunstância contextual.

As teorias de Freud e Epicuro visam elaborar o homem e sua civilização sob uma nova perspectiva, pensando como este se comporta frente o prazer - indissociável ao indivíduo - que muitas vezes acaba por gerar sofrimento. Pensando nisso, ambos pensadores discutem sobre a felicidade, em razão de sua multifocalidade, partindo do princípio que existe uma gama de fatores que a influencia.

Também, teorias como a de Epicuro (2002) acabam por convergir com as ideias de grandes teóricos, como Platão (2001 e 2002) e Aristóteles (1973 e 2007), que mostram a importância da atividade individual para atingir o bem-estar. Porém, discorda dos mesmos autores, tendo em vista que nessa busca não fala necessariamente de uma busca pelo bem coletivo, mesmo que esse aspecto possa ser necessário para a vida em sociedade.

Partindo desse pressuposto, Freud (1996c) comenta que a sociedade deve buscar a união de seus membros, em uma espécie de Eros Social que visa a conservação dos sujeitos em comunidade, partilhando o espectro coletivo. Diante disso, a civilização deve buscar estratégias para manter o espectro coletivo, mesmo que a convivência com os demais seja, muitas vezes, algo inconstante (FREUD, 1996a).

Uma das estratégias que poderia influenciar nesse processo seria o mecanismo de defesa do Ego conhecido como sublimação, marcado pelo direcionamento da energia libidinal do indivíduo para algum objeto ou tarefa socialmente construtiva ou aceita pelo cultura (FADIMAN e FRAGER, 1986; CLONINGER, 1999; HALL, LINDSEY e CAMPBELL, 2000; TEIXEIRA, BOCK e FURTADO, 2008; SCHULTZ e SCHULTZ, 2008; BRAGHOLLI, 2010), que pode ser diretamente associada a elementos como a criatividade, possibilitando um direcionamento conclusivo e pertinente nos comportamentos guiados pelo sujeito (BIRMAN, 2008).

Sendo assim, as visões de Epicuro e Freud divergem das ideias de autores como Hobbes (2003) e Rousseau (2002) no quesito felicidade, tendo em vista que não seria necessário a implementação de um modelo governamental específico para atingir a felicidade. Mesmo que o aspecto coletivo seja considerado significativo, a busca individual seria essencial para atingir esse estado de bem-estar, marcado pela busca do prazer e evitação do desprazer.

Destarte, Cotrim e Fernandes (2011) revelam que a felicidade seria o resultado e intenção de todas as ações pensadas ou não, característica essa comum em todos os sujeitos, independente da cultura. Quando os autores afirmam isso, querem dizer que todo o comportamento visa a satisfação, porém isso não significa que o resultado seja consonante com a intenção, mostrando a importância do pensamento crítico na execução de qualquer conduta.

Mesmo que esta seja uma semelhança intrínseca a ambas teorias, existem diferenças indubitáveis, pois enquanto Freud valoriza a subjetividade e os processos inconscientes na busca pela felicidade, Epicuro, mesmo que não negue esse fator, enfatiza quatro elementos metodológicos que devem ser seguidos para atingir a paz interior que, segundo Amorim (2016), caracterizam o chamado tetra-fármaco, ou seja, os quatro pontos essenciais para atingir a felicidade, como pode ser visto na tabela abaixo:

Tabela 3: O tetra-fármaco de Epicuro

Despreocupação com os deuses	Para o Epicuro, os deuses não se preocupam com os homens, pois eles vivem em seus próprios mundos, sendo o homem considerado um ser insignificante.
Perda do medo da morte	Não há vida após a morte, então os seres humanos, quando morrem dissipam seus átomos gerando novas vida em meio à natureza.
Não a mal que dure	Para o pensador toda dor e sofrimento devem ser vistos como coisas passageiras, pois estes são suportáveis ou são efêmeros enquanto suas durações
O bom é muito fácil	Aqui o teórico dita que o ser humano não deve sofrer para atingir o sofrimento, pois vivenciar a dor, não seria a mesma coisa de buscar o prazer.

Para Epicuro a vida é única e infinita, mostrando que a felicidade deve ser buscada em vida e não após a morte, como dedica predominantemente as religiões ocidentais, visando aproveitar todas as possibilidades do existir, sem necessariamente perder o equilíbrio. Dentro deste ponto, demonstra-se que tanto para Epicuro quanto para Freud, o prazer seria um elemento essencial para a constituição da vida humana, mesmo que seja deslocado.

Quando levado diante o contexto pós-moderno, o indivíduo contemporâneo configura suas relações de forma superficial. Essa liquidez tende a abarcar todos os objetos presentes no meio (BAUMAN, 2001). Além disso, nas sociedades atuais, o individualismo tende a se expressar de forma cada vez mais constante, podendo ser visualizado de forma clara no cotidiano dos sujeitos, incluindo inúmeros âmbitos da civilização, que vão desde aspectos econômicos, até expressões voltados a interação social, como as relações amorosas e amizades (LIPOVETSKY, 1989; ROJAS, 1996; CHARLES, 2009).

Portanto, para Epicuro e para Freud, a felicidade seria uma condição momentânea e muitas vezes efêmera, porém seria essencial para o desenvolvendo e constituição do ser humano. Mesmo sendo duas teorias distintas em face de seus períodos históricos e contingências metodológicas, ainda sim, encontraram seus pontos de convergência diante da natureza humana e de sua construção enquanto sujeito.

Conclusão

Neste estudo objetivou-se trazer uma relação coesa entre as visões de Freud e Epicuro perante a ideia de felicidade, sobretudo trazer o movimento psicanalítico perante novas temáticas, relacionando com grandes autores da humanidade. Além disso, esse trabalho também almeja instigar a curiosidade de cientistas e pesquisadores da temática em seus âmbitos psicológicos e propriamente filosóficos.

Referências

AMORIM, Richard. **Filosofia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bernoulli, 2016.

ARAÚJO, S. J. M. Ethiká: A vida do sábio epicurista. **Clareira**, XXX, v. 3, n. 1, p. 20-32, jan./2016.

ARISTÓTELES. **Política**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômano**. 1. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BIRMAN, Joel. Criatividade e sublimação em psicanálise. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 1, p. 11-26, jan./2009.

BRAGHIROLLI; M., E. **Psicologia Geral**. 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 2010.

CHARLES, S. **Cartas sobre a Hipermodernidade ou o Hipermodernidade Explicado para Crianças**. 1. ed. São Paulo: Barcarolla, 2009.

CLONINGER, S. C. **Teorias da Personalidade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COTRIM, G. **Fundamentos da Filosofia**: História e Grandes Temas. 1. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

COTRIM, G; FERNANDES, M. **Filosofar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

DAVIDOFF, Linda. **Introdução à Psicologia**. 1. ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. 1. ed. Espírito Santo: UNESP, 2002.

FADIMAN, James; FAGNER, Robert. **Teorias da Personalidade**. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1986.

FEIST, J.; FEIST, G. **Teorias da Personalidade**. 1. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2008.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. 8. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. **Por que a guerra?**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos** . 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A.. **Freud e o inconsciente**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

HALL *et al*. **Teorias da Personalidade**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERMANN, F. A.. **O homem psicanalítico**: Identidade e crença. 1. ed. XXXX: Revista Brasileira de Psicanálise, 1983.

HOBBES, Thomas. **Leviatã**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

KUSNETZOFF, J. C.. **Introdução à psicopatologia psicanalítica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**. 1. ed. Lisboa: Relógio D'água, 1989.

MEDNICOFF, E.. **Dossiê Freud**. 7. ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2015.

PLATÃO. **Banquete, Fédon, Sofista e Político**. 1. ed. São Paulo: Nova Cultural, 2001.

PLATÃO. **República**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.

ROJAS, E. **O homem contra o moderno**: A luta contra o vazio. 1. ed. São Paulo: Mandarim, 1996.

ROSSEAU, Jean Jacques. **Do Contrato Social**. 1. ed. XXX: Ridendo Castigat Mores, 2002.

SALLES, C. A. Arte e conhecimento: Manuscrítica. **Revista de Crítica Genética**, v. 1, n. 4, p. 1-1, jan./1993.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sidney Ellen. **Teorias da Personalidade**. 9. ed. São Paulo: Thomson, 2002.

TEIXEIRA, M.; BOCK, Ana Maria; FURTADO, O. **Psicologias**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.